

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

PERCEÇÕES DAS FAMÍLIAS PORTUGUESAS ACERCA DO IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO NO *TURTLE PROGRAM*

Maryse Guedes¹ (✉ maryseguedes@gmail.com), Inês Matos¹, Telma Almeida¹, Miguel Freitas¹, Stephanie Alves¹, António J. Santos¹, Manuela Veríssimo¹, Andrea Chronis-Tuscano², & Kenneth H. Rubin³

¹ ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal

² Department of Psychology, University of Maryland, College Park, USA

³ Department of Human Development & Quantitative Methodology, University of Maryland, College Park, USA

Definida como o retraimento biologicamente determinado perante a novidade (Fox, Henderson, Marshall, Nichols, & Ghera, 2005), a inibição comportamental (IC) em idade pré-escolar constitui um fator de risco para o desenvolvimento de perturbações de ansiedade e de dificuldades de relacionamento com os pares (Rubin, Bowker, Barstead, & Coplan, 2018). Segundo uma abordagem desenvolvimental e transaccional (Rubin, Coplan, & Bowker, 2009), a IC pode desencadear respostas parentais de sobreproteção e controlo, levar a criança a retirar-se do grupo de pares e comprometer a aquisição de competências socioemocionais.

Nos últimos anos, surgiu um interesse crescente em intervenções multimodais baseadas na evidência para prevenir estas trajetórias desenvolvimentais inadaptativas, através da promoção de comportamentos parentais sensíveis e de competências socioemocionais ajustadas à idade das crianças (Chronis-Tuscano et al., 2018), tais como o *Turtle Program*. O estudo piloto mostrou que as famílias que participaram no *Turtle Program* evidenciaram melhorias significativas ao nível da IC, dos sintomas de ansiedade social da criança e da sensibilidade parental por comparação com uma condição de lista de espera (Chronis-Tuscano et al., 2015).

Todavia, o *Turtle Program* ainda não se encontra disponível em Portugal, onde as taxas de perturbações de ansiedade constituem uma preocupação emergente (Caldas-Almeida & Xavier, 2013). Segundo uma

abordagem ecológica (Bronfenbrenner & Morris, 2006), a cultura pode influenciar o que os pais pensam e sentem em relação à IC, a forma como lhe respondem e como percecionam as intervenções que lhe são dirigidas. A introdução de intervenções em novas culturas exige uma avaliação preliminar das perceções do público-alvo acerca da sua aceitabilidade e dos seus resultados, com recurso a metodologias mistas (Barrera, Castro, Strycher, & Tooberg, 2013). Assim, este estudo teve como objetivo explorar as perceções das famílias portuguesas acerca do impacto da participação no *Turtle Program*.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi constituída por 12 participantes (seis mães, seis pais). Constituíram-se como critérios de inclusão: (1) idade da criança entre os 42 e os 71 meses; (2) rastreio positivo da criança para a IC; e (3) capacidade da criança e dos pais compreenderem o português. Foram excluídas as crianças com mutismo seletivo e/ou outras perturbações de desenvolvimento.

As mães e os pais tinham, em média, 38.14 anos ($DP=3.02$) e 39.14 anos ($DP=3.19$), respetivamente. Todos eram casados ou unidos de facto. A maioria tinha habilitações superiores ($n=11$) e trabalhava a tempo inteiro ($n=11$). As crianças tinham, em média, 55.28 meses ($DP=11.86$) no início do programa de intervenção. A maioria das crianças era do sexo feminino ($n=5$), primogénita ($n=5$) e tinha irmãos ($n=6$).

Procedimentos

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética do ISPA. Entre janeiro e novembro de 2018, o *Turtle Program* foi apresentado a famílias com crianças de idade pré-escolar por intermédio de pediatras e educadores da rede de contactos da equipa de investigação, na Região Metropolitana de Lisboa. Vinte e quatro mães manifestaram interesse em participar e foram contactadas para serem informadas acerca dos objetivos e procedimentos do estudo. Onze mães assinaram o consentimento informado e completaram os

procedimentos de rastreio. Após o rastreio, três mães foram excluídas pelo facto de as crianças não preencherem os critérios clínicos de elegibilidade e uma mãe desistiu da participação. As sete mães, cujos filhos preenchiam os critérios clínicos de elegibilidade, participaram no *Turtle Program* entre janeiro e março de 2019. A maioria ($n=6$) frequentou as sessões com os pais das crianças. Após o final das sessões, as mães e os pais que frequentaram o *Turtle Program* foram convidados a participar em entrevistas semiestruturadas individuais (taxa de participação: 92%), conduzidas por um investigador cego. Para efeitos de triangulação, foi ainda solicitado aos participantes para preencherem um questionário de autorresposta após as entrevistas.

Instrumentos

Os procedimentos de rastreio fundamentaram-se na versão portuguesa do *Behavioral Inhibition Questionnaire* (Fernandes, Santa Rita, Martins, & Faisca, 2017). Este questionário, composto por 30 itens, avalia a perceção dos pais acerca da IC. Para cada item, é pedido aos pais para descreverem com que frequência a criança exhibe comportamentos inibidos, usando uma escala de Likert de 1 (*Quase Nunca*) a 7 (*Quase Sempre*). Valores totais mais elevados indicam níveis mais elevados de IC. As crianças, cujas mães descreveram valores de IC superiores aos valores médios de referência mais um desvio-padrão (Fernandes et al., 2017), foram consideradas elegíveis para o *Turtle Program*. Os procedimentos de rastreio envolveram ainda a aplicação da versão portuguesa dos módulos suplementares da *Anxiety Diagnostic Interview Schedule for DSM-IV – Parent Version* (Russo, Marques, Pereira, & Barros, 2011) para excluir diagnósticos de mutismo seletivo e/ou de outras perturbações de desenvolvimento.

Durante os procedimentos de avaliação pós-intervenção, foi utilizado um guião de entrevista semiestruturado, desenvolvido de acordo com as recomendações de Daly (2007). Após a socialização inicial, o guião iniciou-se com uma breve introdução sobre os objetivos do estudo, antes de focar questões gerais acerca dos fatores conducentes à decisão de participar no *Turtle Program* e das expectativas iniciais em relação à intervenção. Seguiu-se a exploração das questões-chave de investigação, designadamente das perceções dos pais acerca da aceitabilidade do *Turtle Program*, dos facilitadores/barreiras à participação e dos resultados da participação no programa.

No final, foi dada oportunidade aos pais para fazerem comentários adicionais. Foi ainda aplicada a versão portuguesa do *Preschool Shyness Satisfaction Study Questionnaire* para avaliar as mudanças percebidas pelos pais ao nível dos comportamentos parentais (três itens) e dos comportamentos da criança (dois itens). Para cada item, foi solicitado aos pais para descreverem as mudanças percebidas, usando uma escala de Likert de sete pontos, variando, por exemplo, desde 0 (*Nada*) a 6 (*Muito*).

Programa de intervenção

O *Turtle Program* é composto por oito sessões semanais de 90 minutos, com grupos de cinco a seis famílias (Chronis-Tuscano et al., 2015). Inclui um componente para pais e um componente para crianças, conduzidos em paralelo por dois terapeutas. O componente para pais fundamenta-se na Terapia de Interação Pais-Criança, adaptada aos problemas de ansiedade. Após a psicoeducação acerca da IC e do modelo cognitivo-comportamental da ansiedade, o componente para pais organiza-se em três módulos que têm como objetivo ensinar e orientar os pais a praticarem: (1) seguir a liderança da criança na brincadeira e prestar atenção diferencial aos seus comportamentos de aproximação social (Interação Dirigida pela Criança), (2) aplicar as estratégias de atenção diferencial às situações ansiógenas e promover a exposição gradual da criança às mesmas (Interação Dirigida à Promoção da Coragem), e (3) implementar estratégias disciplinares (Interação Dirigida pelos Pais) para lidar com comportamentos de oposição (Danko, O'Brien, Rubin, & Chronis-Tuscano, 2018). O componente para crianças baseia-se no jogo livre supervisionado para a promoção de competências sociais. Cada sessão integra uma psicoeducação breve acerca de competências sociais e de regulação emocional. As crianças são ainda envolvidas em atividades de jogo livre e de grupo, no decorrer das quais os terapeutas modelam e reforçam competências e promovem a interação com os pares (Danko et al., 2018).

Análise de dados

As entrevistas foram integralmente transcritas e analisadas, com recurso ao *QSR NVivo Pro 12*. Procedemos a uma análise temática dedutiva para

identificar, analisar e reportar padrões (temas) nos dados (Braun & Clarke, 2006); os temas referem-se a unidades com significado, definidas como conjuntos de frases acerca do mesmo tópico. No presente estudo, foram apenas analisadas as percepções dos pais acerca dos resultados do *Turtle Program*. O acordo inter-cotadores foi avaliado com recurso aos coeficientes Kappa de Cohen, interpretados como: pobres (abaixo de 0.40); satisfatórios a bons (0.40 a 0.75); e excelentes (acima de 0.75).

RESULTADOS

Os temas e subtemas que foram identificados encontram-se sumariados abaixo. Os coeficientes Kappa de Cohen variaram entre 0.46 e 0.99.

Melhorias nos comportamentos parentais

A maioria dos pais e das mães reconheceu que a participação no *Turtle Program* lhes permitiu *relembrar e/ou aprender estratégias para lidar de forma mais eficaz* com a IC (i.e., exposição gradual às situações receadas e recurso consciente ao elogio específico). Grande parte dos pais e das mães salientou que a participação no programa também contribuiu para *melhor compreenderem* as origens e os fatores que mantêm a IC e para *respeitarem* melhor o tempo e as dificuldades das crianças. Pais e mães identificaram *melhorias nas suas competências de regulação emocional* perante a IC, especialmente ao nível da sua capacidade para controlar a frustração, a irritação e a tendência para exporem a criança demasiado depressa às situações receadas. Alguns pais reconheceram mudanças nos seus *comportamentos de sobreproteção* (e.g., evitar falar ou fazer no lugar da criança), enquanto as mães salientaram o *desenvolvimento de uma relação mais próxima* com os seus filhos.

Melhorias nos comportamentos das crianças

A maioria das mães e dos pais descreveu *melhorias na IC* das crianças em situações de interação com adultos (e.g., estabelecer contacto visual, sorrir, cumprimentar) e com os pares (e.g., juntar-se a outras crianças para brincar no parque infantil ou na escola, participar em festas de aniversário).

Alguns participantes identificaram ainda melhorias ao nível da *regulação emocional* (nomeadamente, da capacidade para controlar o medo ou a frustração inerente às dificuldades experienciadas nas situações sociais) e da *separação pais-crianças*.

Importância da intervenção precoce

Alguns pais e mães reconheceram que a participação no *Turtle Program* em idades mais precoces constitui um período ótimo para intervir, na medida em que ajuda a prevenir a cristalização da IC e facilita a modificação dos comportamentos que lhe estão inerentes.

Mudanças mais lentas e de menor magnitude do que o esperado

Cerca de metade dos pais reconheceu que as mudanças na IC foram mais subtis, de magnitude mais pequena e decorreram a um ritmo mais lento do que aquilo que esperariam.

Retrocessos e persistência de áreas de dificuldades

Alguns pais e mães salientaram que as mudanças na IC não foram lineares, mas caracterizadas por retrocessos pontuais (i.e., a criança deixar de enfrentar com sucesso uma situação social com a qual tinha começado a lidar de forma mais eficaz) e pela persistência de comportamentos muito inibidos em situações sociais mais complexas.

Tabela 1

Mudanças percebidas pelos pais e pelas mães nos comportamentos parentais e nos comportamentos da criança após a participação no Turtle Program

	Mudança no desempenho parental	Mudança na confiança parental	Mudança na satisfação parental	Satisfação com os progressos da criança	Mudança nos comportamentos da criança
	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>
Mães	5.00 (1.00)	5.00 (0.70)	3.80 (1.48)	5.00 (0.71)	4.60 (0.89)
Pais	4.50 (1.00)	4.25 (0.50)	3.50 (1.29)	3.00 (1.82)	4.50 (0.58)

A Tabela 1 evidencia que os autorrelatos dos pais e das mães salientaram essencialmente melhorias ao nível do desempenho do papel parental, da confiança parental e do comportamento da criança, após a participação no *Turtle Program*.

DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo explorar as percepções dos pais portugueses acerca do impacto do *Turtle Program*. Consistentemente com o estudo piloto conduzido nos EUA (Chronis-Tuscano et al., 2015), os nossos resultados parecem evidenciar que a maioria dos pais portugueses tende a perceber mudanças positivas ao nível da sensibilidade parental (i.e., maior compreensão, menor frustração e maior confiança para lidar com as dificuldades da criança, maior proximidade na relação pais-crianças) e dos comportamentos inibidos em situações sociais (i.e., melhorias na interação com adultos, na iniciação da interação com pares e na regulação do medo), após a participação no *Turtle Program*. Estes resultados estão alinhados com a abordagem desenvolvimental e transacional à IC em idade pré-escolar (Rubin et al., 2009) que estabelece que a promoção de comportamentos parentais sensíveis e de competências socioemocionais ajustadas à idade pode contribuir para que as crianças que apresentem IC elevada sejam orientadas para trajetórias desenvolvimentais mais adaptativas. Em consonância com a investigação anterior (Hirshfeld-Becker & Biederman, 2002), a neuroplasticidade das crianças mais novas foi reconhecida pelos pais portugueses como um fator suscetível de maximizar os benefícios da participação no *Turtle Program*, prevenindo o desenvolvimento de dificuldades socioemocionais geradoras de níveis mais acentuados de perturbação emocional e de interferência no dia-a-dia, em várias áreas de funcionamento.

Embora com menos frequência, alguns pais identificaram mudanças nos comportamentos parentais de sobreproteção e nos comportamentos independentes da criança (i.e., separação pais-criança). Estes resultados aproximam-se do que foi observado no estudo piloto do *Turtle Program* nos EUA (Chronis-Tuscano et al., 2015), em que as mudanças nos

comportamentos de controlo parental negativo não se revelaram significativas. Os resultados obtidos também podem ser interpretados à luz dos valores familiares tradicionais da cultura latina que continuam a prevalecer em Portugal. De facto, o controlo parental e a menor socialização dos filhos para a independência tendem a ser normativos no nosso país (Aboim et al., 2013), o que pode ter contribuído para uma menor valorização deste tipo de mudanças comportamentais por parte dos pais portugueses.

Apesar dos benefícios percebidos com a participação no *Turtle Program*, as perspetivas de alguns pais portugueses sugerem que estes parecem ter expectativas de melhorias mais rápidas, acentuadas e generalizadas nos comportamentos muito inibidos. Estes resultados parecem congruentes com estudos anteriores conduzidos com pais oriundos de culturas latinas envolvidos em intervenções baseadas na Terapia da Interação Pais-Criança (McCabe & Yeh, 2005) que evidenciaram a importância de ajustar as expectativas parentais em relação à magnitude das mudanças e aos progressos nos comportamentos problemáticos da criança, numa fase precoce das intervenções.

Do nosso conhecimento, este é o primeiro estudo que teve como objetivo explorar as perceções dos pais portugueses acerca dos resultados de um programa de intervenção dirigido à IC em idade pré-escolar. Porém, a reduzida dimensão da amostra limita a generalização dos resultados obtidos. Embora as entrevistas tenham sido conduzidas pelo mesmo investigador com base num guião semiestruturado, os resultados obtidos refletem uma compreensão situada que pode ser influenciada pelas características do entrevistador. A avaliação dos resultados do *Turtle Program* baseou-se numa abordagem multimétodos, mas explorou apenas as perspetivas dos pais e não incluiu uma condição de controlo. Embora consistentes, os resultados das entrevistas semiestruturadas foram apenas triangulados com os relatos dos pais, com base num questionário de autorresposta. São necessários estudos randomizados controlados com amostras mais vastas, baseados em delineamentos longitudinais e numa abordagem multimétodos e multi-informadores para avaliar a efetividade do *Turtle Program* para as famílias portuguesas.

REFERÊNCIAS

- Aboim, S. (2013). Família e atitudes sociais: Portugal no contexto europeu. In A. Ramos, C. R. Pereira, J. Barreto, J. Tavares, M. J. Chambel, P. Magalhães, & S. Aboim (Eds.), *Vinte anos de opinião pública em Portugal e na Europa* (pp. 12-17). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Barrera, M., Castro, F. G., Strycker, L. A., & Tooberg, D. J. (2013). Cultural adaptations of behavioral health interventions: A progress report. *Journal of Clinical and Consulting Psychology, 81*, 196-205. doi: 10.1037/a0027085
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*, 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In R. M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp. 793-828). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.
- Caldas-Almeida, J., & Xavier, M. (2013). *Estudo epidemiológico nacional acerca da saúde mental: Primeiro relatório*. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Lisboa.
- Chronis-Tuscano, A., Danko, C., Rubin, K. H., Coplan, R. J., & Novick, D. (2018). Future directions for research on early intervention for young children at risk of social anxiety. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 47*, 655-667. doi: 10.1080/15374416.2018.1426006
- Chronis-Tuscano, A., Rubin, K. H., O'Brien, K. A., Coplan, R. J., Thomas, R., Dougherty, L. R., . . . Wimsatt, M. (2015). Preliminary evaluation of a multimodal early intervention for inhibited preschoolers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 83*, 534-540. doi: 10.1037/a0039043
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies and human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Danko, C.M., O'Brien, K.A., Rubin, K.H., & Chronis-Tuscano, A. (2018). The Turtle Program: PCIT for young children displaying behavioral inhibition. In L. N. Niec (Ed.), *Handbook of Parent-Child Interaction Therapy: Innovations and applications for research and practice* (pp.85-98). New York: Springer.
- Fernandes, C., Santa-Rita, A., Martins, A. T., & Faisca, L. (2017). *Adaptação portuguesa da Behavioral Inhibition Questionnaire*. Relatório não publicado.
- Fox, N., Henderson, H. A., Marshall, P. J., Nichols, K. E., & Ghera, M. M. (2005). Behavioral inhibition: Linking biology and behavior within a developmental

- framework. *Annual Review of Psychology*, *56*, 235-262. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141532
- Hirshfeld-Becker, D. R., & Biederman, J. (2002). Rationale and principles for early intervention with young children at risk for anxiety disorders. *Clinical Child and Family Psychology Review*, *5*, 161-172. doi: 10.1023/A:1019687531040
- McCabe, K. M., & Yeh, M. (2005). The GANA Program: A tailoring approach to adapting parent-child interaction therapy for Mexican Americans. *Education and Treatment of Children*, *28*, 111-129.
- Rubin, K. H., Bowker, J. C., Barstead, M. G., & Coplan, R. J. (2018). Avoiding and withdrawing from the peer group. In W. M. Bukowski, B. Laursen, & K. H. Rubin (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships and groups* (2nd ed., pp. 322-346). New York: The Guilford Press.
- Rubin, K. H., Coplan, R. J., & Bowker, J. C. (2009). Social withdrawal in childhood. *Annual Review of Psychology*, *60*, 141-171. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163642
- Russo, V., Marques, T., Pereira, A. I., & Barros, L. (2011). Avaliação de perturbações de ansiedade com recurso a uma entrevista diagnóstica: A versão portuguesa para pais da ADIS-IV (Anxiety Disorder Interview Schedule for Children). In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, & S. Fraga (Eds.), *Atas do VIII Congresso Ibero-Americano de Avaliação/Evaluación Psicológica* (pp. 1532-1546). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.